
A MEMÓRIA COMO RECURSO PARA A AUTO REVOLUÇÃO

Alline Araujo Costa¹

Resumo: A proposta do trabalho é observar o clima tenso das catástrofes e as formas em que essas têm se manifestado nas narrativas. Deste modo, com o olhar mais atento nas produções literárias, para análise estão Verde Vagomundo e Nineteen Eighty-Four. O romance publicado em 1974 por Benedicto Monteiro faz parte de uma tetralogia que envolve diversos temas entre eles estão a simplicidade de um caboclo crédulo em si mesmo (Miguel dos Santos Prazeres) e em seus sonhos e prazeres, a simplicidade de uma região pacata do interior do Pará, as cintilações do que rege o poder estatal da nação em tal período, a ditadura militar, e a memória, os dois últimos pontos são os temas que norteiam essa pesquisa. De outro modo, ainda que na mesma perspectiva, vê-se Winston. Como é descrito a seguir: “Tentou localizar alguma lembrança de infância que lhe dissesse se Londres sempre fora assim” (ORWELL, 2009, p. 13). A partir desse ponto da narrativa, percebe-se que Winston saiu em busca de reconstruir as memórias do seu passado e de uma Londres sem revolução, a fim de que a partir dessas descobertas, de uma Londres sem revolução, tivesse a ação de voltar-se contra o sistema instaurado pelo ditador. Tais memórias desencadearam diversas ações resistentes e subversivas em ambos personagens, das duas narrativas. Havia constantes *flesh’s* recordativos ou criações deles para justificar a necessidade de se voltar no tempo e então justificar o presente para uma possível e futura revolução que não chegara. Deste modo, as análises dos destaques narrativos abrem precedentes para discussões no campo das teorias que envolve temas como poder soberano; memória – rememoração; “Docilização” - domesticação, uma vez que esses terão que enfrentar alguns mecanismos de silenciamento para então serem paralisados em seus planos de resistência e emancipação.

Palavras-chave: Memória. Infância. Resistência. Emancipação.

Abstract: The purpose of the paper is to observe the tense climate of catastrophes and the ways in which these have been manifested in the narratives. Thus, with the closer look in literary productions, for analysis are Green Vagomundo and Nineteen Eighty-Four. The novel published in 1974 by Benedicto Monteiro is part of a tetralogy that involves several themes among them are the simplicity of a gullible caboclo in himself (Miguel dos Santos Prazeres) and in his dreams and pleasures, the simplicity of a quiet region of the interior of Pará, the scintillations of what governs the state power of the nation in such period, the military dictatorship, and memory, the last two points are the themes that guide this research. Otherwise, though in the same perspective, one sees Winston. As described below: “He tried to locate some childhood memory that would tell him if London had always been like this.” (ORWELL, 2009, p. From this point of the narrative one notices that Winston went out to reconstruct the memories of his past and a London without revolution, so that from these discoveries, of a London without revolution, had the action of returning- against the system instituted by the dictator. These memories

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará. E-mail: allinearaujoccb@hotmail.com

unleashed several resilient and subversive actions in both characters, both narratives. There were constant reminders or creations of them to justify the need to go back in time and then justify the present to a possible and future revolution that had not come. In this way, the analyzes of the narrative highlights open precedents for discussions in the field of theories that involves subjects like sovereign power; memory - recollection; “Docilization” - domestication, since these will have to face some mechanisms of silencing and then be paralyzed in their plans of resistance and emancipation.

Keywords: Memory. Childhood. Resistance. Emancipation.

O Partido [ou o Estado totalitário] deseja o poder exclusivamente em benefício próprio. Não estamos interessados no bem dos outros; só nos interessa o poder em si.
(George Orwell, 2009, p. 307)

INTRODUÇÃO

Os textos literários e os temas aqui abordados são resultados da pesquisa de mestrado que está em processo de finalização². Nesta, faz-se uma abordagem sobre as respostas dos personagens das obras *1984* e *Verde Vagomundo* ao Estado de Exceção, e da resposta do soberano aos adversos. Deste mote, fica clara a percepção sobre a manutenção da voz do soberano, posto que além desses estarem em um contexto de Estado de Exceção, o âmbito narrativo distópico também contribui para esse formato de repressão, sendo as medidas de silenciamento ou mesmo de distanciamento, adotadas pelos ditadores, eficientes para desfazer a coragem dos resistentes no espaço em que estão inseridos.

O clima tenso das catástrofes ao longo da história do mundo tem se manifestado de diversas formas e de algum modo estão ajustados nos mesmos princípios. A partir da análise dos romances mencionados logo a seguir se observou as características próprias do sistema controlador tanto em *1984*, de George Orwell (1949) quanto em *Verde Vagomundo*, de Benedicto Monteiro (1974). Deste modo, com o olhar mais atento na produção literária intitulada *Verde Vagomundo*, ambientado no Brasil, com referências que indicam traços do regime ditatorial ocorrido a partir dos anos 60, será observado com mais cautela o personagem Miguel dos Santos Prazeres, e em *Nineteen Eighty-Four*, em uma Londres revolucionada, o personagem Winston Smith será observado nos parâmetros de um contexto autoritário. Nestes personagens foi encontrado uma forte inquietação a qual os levaram a emancipação, por meio do conhecimento de suas histórias, que resultou nas resistências desses aos sistemas que estão inseridos, conferindo a esse último ponto citado o principal assunto a ser tratado neste texto.

O romance publicado em 1974, por Benedicto Monteiro, faz parte de uma tetralogia que envolve diversos temas, entre eles estão a simplicidade de um caboclo crédulo em si mesmo e em seus sonhos e prazeres, a simplicidade de uma região pacata do interior do Pará, as cintilações do que rege o poder estatal da nação em tal período, a ditadura militar, e a memória, sendo o tema que norteia a pesquisa.

Com a análise dos textos acima descritos se observou a cisão, o rompimento com a vida normal dos personagens, portanto, o caos se instaura em suas histórias. Em Winston, personagem criado por Orwell, se dá quando a Revolução surgira na Londres fictícia de *1984* e isso resulta na perda total de sua família, quando ainda é criança; em Miguel, pode-se inferir e descrever dois momentos que podem caracterizar essa mudança. A primeira quando seu padrinho passou a lhe governar, sendo essa a maneira sutil de mudar a

² Título da dissertação: O esclarecimento como caminho para a emancipação em *1984* e *Verde Vagomundo*. Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja. A dissertação está em fase final, sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da universidade Federal do Pará (UFPA). Curso previsto para terminar em agosto de 2018.

rota da vida de Miguel, e a outra pode ser localizada no momento em que ele precisa fugir de Alenquer a fim de permanecer vivo, mas vira um fugitivo permanente do coronel, pois vive sobressaltado, no receio de estar sendo perseguido pela polícia e de ser pego.

ESTRUTURA NARRATIVA NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DOS PERSONAGENS

O início da narrativa *Verde Vagomundo* mostra a chegada de Antônio, o major, como ele mesmo se apresenta. Desta feita, ao chegar ele é confrontado com uma realidade diferente da que ele presenciara na capital, local de moradia atual, uma vez que este somente viveu em Alenquer, o espaço da narrativa, na sua infância, e neste momento (fase adulta) não consegue se sentir pertencente a este lugar. Com isso, seu tio, ainda pertencente a este lugar, o aconselha a escrever um livro, justificando que todo homem deve passar por essa experiência na vida, este o instiga, também, com o objetivo de reconhecer aquele ambiente (espaço da narrativa). Diante disso, na finalidade de sanar com sua curiosidade, o major sai em busca de histórias próprias dos moradores do local, o que o qualifica como narrador personagem da história, e este se depara com as personalidades mais singulares, viventes de Alenquer, como o vigário da cidade; seu melhor amigo de infância e, entre outros, Miguel dos Santos Prazeres.

Diz o contador de histórias (o major): “Eu estava descobrindo aos poucos quem era o cabra-da- peste, o tal afilhado-do-diabo. (...). No fundo, no fundo, era um caboclo crédulo e simplório que tinha lutado desde criança para não seguir à risca os conselhos de um bandido.” (MONTEIRO, 1974, p. 150). Neste momento Antônio começa a relatar a vida de Miguel dos Santos Prazeres, um dos entrevistados que mais o impressiona.

É curioso observar que a introdução de Miguel, os relatos do Major a respeito do caboclo são sempre positivos, ele se afeiçoara muito do moço. Mas, para além disso, esse aspecto narrativo testemunhal da pessoa de Miguel pode ser uma estratégia de apresentação que pode servir de justificativa para isentar Miguel da acusação que recebera, apresentada nos momentos finais da narrativa. Ao que parece, Antônio é o único que realmente ganhou a confiança de Miguel, e a única pessoa de quem Miguel se aproxima, permitindo que lhe conheça melhor. A punição de Miguel por um crime não confirmado, inferimos, parece mais o temido preconceito por seu estereótipo, ou mesmo pela sua condição enquanto cidadão, pela inferior classe social.

E em seu relato de vida, Miguel diz ao Sr. Major:

Pirotécnico! Foi por isso, que abandonei a primeira vez o meu padrinho: quase larguei de vez a nossa casa. Vim direitinho bater na casa do Mané Fogueteiro. Queria por força, aprender à fazer foguetes. Agora, o senhor me pergunta: por que aprender a fazer foguete? E eu lhe respondo: porque foi a primeira coisa alegre e bonita que vi na vida. Naquele mato horrível, no ôco do mundo do Vai-quem-quer, a única coisa que surgia diferente do canto dos pássaros, do tiro das espingardas e do grito dos animais, era o estrondo alegre do foguete. (MONTEIRO, 1974, p. 151).

Esse é o sonho, é o que ele guarda de mais profundo, seu maior desejo, o maior compromisso que ele tem consigo mesmo. Miguel nutre por muito tempo o seu sonho de infância, e isso é o que o impulsiona a contrariar as vontades de seu padrinho para si e, posteriormente, as ordens do Estado. A rememoração do seu desejo do passado o leva a resistência.

Segundo o conceito de Estado de Exceção a repressão (ou dominação) tem por objetivo moldá-lo à condição de homem impiedoso, mas Miguel contraria, pois não é vontade dele para si.

Com base no que diz Mikhail Bakhtin, a percepção do outro é o que determina a formação da identidade de alguém, entretanto, a partir da nossa observação de Miguel percebemos a transgressão dessa teoria, não porque ela não é fato, mas por perceber no personagem o potencial peculiar de transgressão do convencional. Por meio do conceito de exotopia, de Bakhtin, é possível identificar em Possidônio a ação de inferir na formação de seu ente, nisso se põe a teoria aqui mencionada. (Bakhtin apud Costa, A. A. e Castro, V. V. P., 2016, p. 103).

E, ainda que esse seja o desejo do padrinho do caboclo, fica claro nele a aversão a esse e outros tipos de controle de sua vida.

De outro modo, ainda que na mesma perspectiva, vê-se Winston. Como é descrito a seguir: “Tentou localizar alguma lembrança de infância que lhe dissesse se Londres sempre fora assim”. (ORWELL, 2009, p. 13). A partir desse ponto da narrativa, durante uma boa parte das seguintes páginas, saiu em busca de reconstruir memórias do seu passado e de uma Londres sem revolução. Então,

Ele se dava conta de que a tragédia pertencia aos tempos de antigamente, aos tempos em que ainda havia privacidade, amor e amizade, e em que os membros de uma família se amparava uns aos outros sem precisar saber o pôr que. [...] Agora havia medo, ódio e dor... (ORWELL, 2009. P. 42).

Este também se fundamenta nas memórias da infância, portanto, do passado. Tais memórias desencadearam diversas ações resistentes e subversivas. Havia constantes *flesh's* recordativos ou criações deles para justificar a necessidade de se voltar no tempo e então justificar o presente para uma possível e futura revolução que não chegara na sua realidade externa, o que está para além da subjetividade do seu ser. Entretanto, os *flesh's*, que posteriormente se tornam, de certo, rememorações de fatos ocorridos em sua infância, servem para localizar Winston em sua possível e verdadeira tendência e identidade.

As análises dos trechos narrativos citados acima abrem precedentes para discussões no campo das teorias que envolve: poder soberano; memória – rememoração; “docilização” - domesticação. Por esse motivo, organizaremos uma linha de raciocínio que esclareça o porquê de não ocorrer definitivamente o que os personagens desejam para si, e sim, uma mudança de tendência, mesmo que eles estejam no campo da emancipação.

A partir da ideia de “homem matável”, proposta por Giorgio Agamben, e da análise dos referidos personagens de *1984* e *Verde Vagomundo* tanto um quanto o outro se encon-

tram nessa condição, no presente da narrativa, por conta de suas memórias que confrontam o sistema vigente. Eles representam ameaça ao Estado, pois por meio de suas lembranças eles fortalecem as suas identidades, que não os permitem estar enquadrados na categoria de dominados. Posto que, “(...) Rancor e vingança aguçam a memória. Dívida de gratidão não gravam tão profunda e longamente como a injustiça sofrida e a honra ferida”. (ASSMANN, 2011, p. 73). E essas questões, rancor e vingança, os impulsionam a indisciplina, a desobediência e as suas revoluções próprias. Vingança sempre vai gerar confronto. As histórias de guerras vistas por todo canto têm essa prerrogativa como seu principal motivo de existir.

Todo o caminho de lembrança, de instigar e de emancipação dos personagens culmina na expressão auto revolução, pois define as ações deles como resultado do alcance do esclarecimento, considerando que os mesmos não têm a pretensão de revolucionar o todo com suas descobertas a partir de suas memórias, tampouco há neles a pretensão de prevalecer sobre o povo por meio de seus esclarecimentos, mas simples e unicamente de se tornarem libertos dos moldes impostos pelos autoritários. Portanto, o termo cunhado aqui tenta dar conta do fato de estes não conseguirem alterar o meio com suas resistências, mas tentam adotar para si próprios a tal revolução.

ESTRATÉGIAS DE COERÇÃO DO ESTADO

Sobretudo, a partir da investigação do que redundara a perspectiva dos personagens em se emanciparem, percebeu-se que os moldes da exceção e da distopia não permitem que esses tenham os resultados que gostariam para suas vidas.

Os artifícios do Estado sobre os personagens fazem com que, a partir de um certo momento, eles sejam paralisados. Em Winston suas condições de permanecer resistindo se findam quando os mecanismos, apresentados por Michel Foucault, de silenciamento e docilização\domesticação atingem diretamente seus medos mais íntimos. O Partido não desenvolve um mecanismo para produzir o medo em Winston, o Partido se oportuniza do que ele já tem como ferramenta para a intimidação do mesmo. Segundo Cecilia Coimbra o medo e a insegurança não fazem parte da nossa natureza, a autora diz que estes sentimentos no indivíduo têm origem na história, aludindo assim, que a dinâmica do medo é de fora para dentro, do externo para o interno. Fato. Winston desenvolvera o medo por ratos na infância, e este o leva a negociar o seu esclarecimento. De fato, o medo está nele, mas não é dele, em um determinado momento de sua vida este foi desenvolvido e o marcou profundamente. Coimbra diz que a cada tempo histórico se desenvolve um tipo de medo. O medo da punição que leva ao silenciamento e a uma possível aceitação de um determinado regime como ocorreu nos anos 90. Para a autora: “O antigo slogan “violência gera violência” pode ser substituído por “violência gera medo e medo gera violência””. (1998, p. 7). Deste modo, tanto Winston quanto Miguel vão decidir não mais enfrentar o Estado em prol de permanecerem livres ou até mesmo vivos. E Winston, por medo, abre mão de seu esclarecimento (ORWELL, 2009, p. 330-331).; e Miguel, por medo de punição, suponhamos também, medo da injustiça, foge. Deste modo, esse texto segue também na investigação do último livro da tetralogia de Benedicto Monteiro, que é A terceira margem. O narrador diz: “Mas, o ecólo-

go, o psicólogo, o antropólogo, e principalmente o sociólogo, vão me prestar uma enorme ajuda na busca desse caboclo-cabra-da-pesto, perdido neste verde vagomundo que começo a desvendar”. (MONTEIRO, 1983, p. 18).

A citação abaixo resume bem o contexto tanto de Miguel dos Santos Prazeres quanto dos outros personagens nessa última obra da tetralogia de Monteiro:

A permanente fuga de Miguel e a perseguição a ele, o controle do poder estatal sobre a produção de conhecimento, a restrição às ideias sofridas pelo geógrafo e por último o cerco imposto a ele e seu grupo de especialistas, infiltram um modo distópico de olhar o mundo em *A terceira margem*. (SARMENTO-PANTOJA, 2002, p. 166)

Na realidade fictícia de Miguel dos Santos Prazeres esse quadro se apresenta da seguinte forma: o protagonista resiste à ordem e satisfaz seu desejo de lançar os fogos de artifício no dia de Santo Antônio, mas no objetivo de se manter livre ganha chão, sai de Alenquer. A narrativa mostra que Miguel fica a partir de então em constante fuga, de margem em margem, no meio do mundo verde amazônico. Miguel aguenta viver a vida fugindo, mas nunca a mercê do Estado. A suspensão do estado de direito não apresenta outra escolha ao caboclo. “Exceção é o dispositivo original graças ao qual o direito se refere à vida e a inclui em si por meio de sua própria suspensão, uma teoria do estado de exceção é, então, condição preliminares para se definir a relação que liga e, ao mesmo tempo, abandona o vivente ao direito.” (AGAMBEN, 2002, p. 12). Consegue-se com isso, a partir do conhecimento dos lugares de fala das narrativas, concluir que tanto um romance quanto outro estão enquadrados aos moldes do Estado Exceção, pois esses são identificados no ambiente totalitário da Segunda Grande Guerra e Guerra Fria e, o outro, no regime Ditatorial Militar ocorrido no Brasil.

Thomas Hobbes diz em seu livro *Leviatã* que todos os homens vivem com desconforto ou com medo, isso leva a entender que o indivíduo tem uma tendência, própria de sua natureza, a desconfiança. Deste modo, observa-se que o start está no momento da inquietação dos personagens, inquietação que lhes geraram angústia pelo desconhecido do próprio ser, dos seus sentidos próprios de ser, que instiga aos questionamentos da existência.

Winston descobriu que não pertencera aquela sociedade, que não via como os outros viam, sentia diferente, percebia as coisas de modo diferente. Miguel percebe que o desejo do padrinho para si não são os seus desejos, que, seus instintos não correspondiam ao de Possidônio, também descobriu em si o ser subversivo que não admitira imposições e nem limitações diante de seus próprios desejos em detrimento da ordem; ainda que se perceba no final da narrativa Verde Vagomundo, uma certa satisfação em este de alguma forma corresponder ao seu padrinho.

A natureza aqui, Major, não forma bandido, nem sustenta a guerra de homem contra homem: a natureza aqui é inimiga! A natureza aqui está sempre contra qualquer vivente e esmaga sempre o mais humilde. O resto do dinheiro que ele deixou eu quero estilhaçar em fogo, em estrelas, em regozijo e penitencia: será a

minha batalha. Os fogos, seu Major, os fogos de artifício, é maneira mais alta que eu tenho pra rezar, é única forma que eu tenho agora para me entender com Santo Antônio. E é também o único jeito de não desfeitear meu padrinho Possidônio: se ele estiver no céu, vai chorar de alegria, e se estiver no inferno é o céu que vai chorar lágrimas de fogo, seu Major! (MONTEIRO, 1974, p.248).

Percebemos que tal fala e desejo do afilhado é resultado do dúbio sentimento que ele tem pelo padrinho. Sentimentos esses que se configuram como gratidão e aversão.

Todo esse processo recorrente tanto em Winston quanto em Miguel se dera por meio de suas memórias e redundara em suas emancipações pessoais. Em suas liberdades intrapessoais. E como consequência da emancipação, do esclarecimento, do conhecimento, vem a resistência inevitável, o que é muito necessário, pois todo sistema soberano instaurado se fundamentou em mentiras ou omissões no objetivo de manipular e formar súditos, mas as memórias de Winston e Miguel não permitiam isso. Pode-se observar como modelo a forma que o nazismo funcionou, na base da manipulação, do discurso bem elaborado. Foucault apresenta essa perspectiva comparando ao modelo pastoral cristão. A estrutura comparativa se mostra coerente, visto que não cria resistência e sim domesticação por meio do medo.

Giorgio Agamben diz que o soberano é aquele que decide o Estado de Exceção, portanto, é aquele que diz as regras independentemente dos direitos humanos. Uma sociedade nesse estado se encontra em meio a repressão e a constantes estratégias de manipulação. Mas, mesmo que esse fosse o modelo de sociedade em que os personagens em questão estão inseridos, estes contestam o contrato social disponibilizados a eles, quebrando as normas dos ditadores, resultando nas próprias representações de adversos que obtiveram. Entretanto, é visto também que o modelo de suspensão de direito e as características próprias das narrativas distópicas não dão outra opção a Winston e Miguel se não a desistência e fuga do espaço de repressão, pois se mostrara eficientes os recursos usados pelos ditadores para acuar os protagonistas.

Segundo a observação do corpus aqui apresentados e das teorias já abordadas, chega-se a percepção de que o indivíduo contemporâneo, moderno, sempre está disposto a qualquer coisa, diante de ameaça, para conservar a sua vida, disposto a encontrar meios para se manter vivo. Winston e Miguel desistiram de confrontar o sistema, mas, provavelmente, não desistiram de si próprios, pois o fato de terem fugido não significa que estes tenham perdido a consciência de tudo que haviam conquistado até ali. Por conta disso, não há garantia de que, Winston por exemplo, tenha deixado de entender seu lugar naquele sistema totalitário que está inserido. As estratégias usadas pelo Partido para silenciar Winston foram tão bem armadas que não o permitiram este permanecer enfrentando o sistema, havendo de escolher entre a vida e a morte. Filosoficamente ele pode ter escolhido a morte de si, mesmo sem ter tido a morte física, posto que segundo os teóricos da memória, “... a morte é não-ser” (GAGNEBIN, 2006, p. 26) e o não ser aqui se caracteriza pela falta de memória. Para consumir o entendimento desse momento de discussão cabe colocar aqui a ameaça feita a Winston “Nunca mais lhe será possível ter sentimentos humanos comuns. Tudo estará morto dentro de você”. (ORWELL, 2009, p. 300). A narrativa mostra que ele passara por uma espécie de purgatório, onde o suposto apagamento de suas memórias ocorrera.

O controle do Partido sobre todos é tão sufocante e angustiante, que deixara Winston sem ter para onde ir. E no âmbito da memória este se refere da seguinte forma: “Você precisa parar de ficar achando que a posteridade o absolverá, Winston. A posteridade nunca ouvirá falar de você. Você será apagado do rio da história. (ORWELL, 2009, p. 298). E como poder manipulador e totalitário do Estado sobre indivíduo: “Nós o convertemos, capturamos o âmago da sua mente, remodelamos o herege”. (ORWELL, 2009, p. 299), ou seja, o Partido jamais admitira ser confrontado ou convencido pelo esclarecido. O esquema de manipulação do Partido é tão eficiente que chega o momento em que Winston se pega duvidando de todo o reconhecimento que tivera de seu passado. (ORWELL, 2009, p. 290 e 291).

De modo conclusivo, lhes parecera impossível permanecer no confronto com as forças opostas as suas. Os personagens não encontraram armas para se defenderem dos artifícios usados pelos ditadores, restando, primeiramente, a Winston a anulação, ou a camuflagem de suas memórias; e a Miguel a fuga constante, sem abrir mão de seus desejos e sonhos.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, 453 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Bezerra, Paulo (trad.). 4º ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

COIMBRA, Cecília Maria B. *Produção do Medo e da Insegurança*. “Discursos Sobre Segurança Pública e Produção de Subjetividade: violência urbana e alguns de seus efeitos” que foi desenvolvido no Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, em 1998.

COSTA, Alline A. e CASTRO, Veridiana V. P. *A resistência presente em Miguel dos Santos Prazeres ao governo de Possidônio: o destino abandonado*. E-book do V Congresso de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia / Organização, Tânia Sarmiento Pantoja, et al. - Belém: Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPA, 2016. 580 p.: il.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. 224 p.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. Ed. Martins Fontes, São Paulo. 2003.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. *Amazônia, Cultura, Linguagens*. 2002.

MONTEIRO, Benedicto, *Verde Vagomundo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Gernasa, 1974.

MONTEIRO, Benedicto. *A terceira margem*. Editora Marco Zero, 1983.

ORWELL, George. *1984 (Nineteen Eighty-Four)*. Tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.